

resenha

TOMANIK, Eduardo A.; CANIATO, Angela Maria Pires; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Orgs). *A constituição do sujeito e a historicidade*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

O debate acerca da constituição do sujeito e a historicidade: um desafio das Ciências Humanas?

Rafael Egidio Leal e Silva*

A diversidade de temas, métodos, discussões e trincheiras que cada vez tem se tornado mais evidente nas ciências humanas em geral, tem ocasionado com que, na própria dinâmica da produção científica, se perca o traço que as identifica e que até mesmo originou inúmeros saberes e teorias dentro das humanidades: a necessidade do constante debate acerca do humano e de sua constituição cultural e social. Debate que deveria abranger tanto a formação da modernidade e a polêmica pós-modernidade. Este é o principal objetivo e o grande mérito da obra resenhada, ou seja, de buscar este entre as concepções psicológicas, mas sem se fixar nestas, acerca da constituição do sujeito e do significado de sua historicidade.

O tema “Constituição do sujeito e historicidade” tem origem na Área de Concentração homônima do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da



Universidade Estadual de Maringá. Todos os organizadores e autores eram docentes deste Programa à época de sua publicação. Sendo assim, os textos estão pautados pela psicologia, buscando avançar para a compreensão do homem em sua totalidade, e não se restringindo a determinados aspectos da psique, da mente ou do comportamento. A historicidade surge como um ponto comum dos professores que participaram desta construção: a rejeição de toda e qualquer base epistemológica que define o homem ou propõe que seu processo de constituição é natural ou biológico, ou seja, teses que colocam o homem como ser natural, predeterminado ou genérico, o desvinculado de seu tempo histórico e da sociedade. Conforme relatado na Apresentação da obra, a construção de um espaço de Pós-Graduação com estas características não é tarefa fácil, porém

pode ser considerada promissora. O próprio contexto da pós-graduação brasileira, cuja avaliação tem por principal indicador a produção acadêmica de discentes e docentes faz com que esta concepção seja um nadar contra a corrente, uma vez que a regra tem sido a exigência da produção exacerbada e que beira à insanidade, impedindo qualquer forma de diálogo, e, ao contrário apenas incentiva a competição na academia.

Desta forma, o livro é um convite ao diálogo, e para quem aceitar este convite irá encontrar textos divididos em três partes que direcionam a leitura. A primeira parte, “Em busca de um conceito disperso”, reúne três textos que discutem a busca pela ciência deste conceito tão complexo: o sujeito. O primeiro capítulo intitula-se “*Quem sou eu?*”, de autoria de José Antonio Damasio Abib, um ensaio que discute este tema tão espinhoso, o “eu”, com uma profunda discussão que abrange a filosofia moderna, expondo o debate em torno da definição de homem para filósofos como Descartes, Hume, a filosofia kantiana e Nietzsche. Na sequência discute as teorias psicológicas em Wilhelm Wundt e W. James, pensadores que lançaram as bases de uma psicologia científica. Fazendo uma ponte com teorias contemporâneas (e pós-modernas), o autor apresenta a dissolução do sujeito, apresentando as mais recentes teorias da sociologia, com as teses de Stuart Hall, Giddens e Z. Bauman, evidenciando a descentralização do indivíduo, e a fragmentação do “eu” nos tempos pós-modernos.

O próximo texto é *O sujeito humano e o conhecimento: constituição psicossocial e complexidade*, de Eduardo Augusto Tomanik. A partir de possíveis definições de sujeito que o colocam

entre extremos (a submissão e a ação, o objeto e aquele que detém o conhecimento) observa-se que o sujeito não é um dado, mas uma concepção do homem sobre si mesmo. A partir de uma revisão histórica acerca da evolução do conceito “científico” de sujeito e indivíduo na modernidade, Tomanik questiona os sujeitos da Psicologia. A respeito de uma “psicologia do sujeito”, o que implica que na constituição humana há inegáveis determinantes biológicos, sociais e históricos. Concomitantemente, não há determinismos que direcionem a formação do homem de qualquer maneira, pois sua formação um processo dinâmico e relacional, o que faz da complexidade uma importante perspectiva para a pesquisa psicossocial.

Fechando a primeira parte, de autoria de Helio Honda, o texto *Subjetividade e Metapsicologia: a constituição conceitual da realidade psíquica* faz uma investigação acerca do conceito de subjetividade, e de como ela pode ser objeto da ciência. Partido da filosofia de Descartes, o autor demonstra que o conceito de homem para este filósofo é metafísico, por se ocupar do pensamento puro. No segundo momento, o professor questiona como a psicologia, ancorada nesta noção apresenta dificuldades epistemológicas inclusive na contemporaneidade. Em seguida, o autor apresenta a noção de subjetividade como realidade psíquica na metapsicologia freudiana, através de conceitos fundamentais da epistemologia psicanalítica.

A segunda parte, “Encontros do sujeito com a sociedade”, que também reúne três textos, enfatiza as concepções históricas e sociais acerca do sujeito. O capítulo que abre esta parte é *A*

historicidade na constituição do sujeito: considerações do marxismo e da Psicologia Histórico-cultural, de autoria de Marilda G. Facci, Sonia Shima Barroco e Nilza Sanches T. Leonardo. Explicitando o referencial teórico do russo L. S. Vigotski, que liderou a formulação da psicologia a partir dos pressupostos marxianos na Rússia após a Revolução de 1917, implicando a necessidade de superação da concepção individualista do capitalismo para uma visão coletiva. Através dos conceitos do materialismo dialético, a historicidade é apresentada em três traços fundamentais do ser humano: o trabalho, a sociabilidade e a consciência, mostrando como a sociedade dividida em classes possui impacto na formação psicossocial dos indivíduos, principalmente em nossa sociedade.

O texto de Silvana Calvo Tuleski *Poderia ser a subjetividade, objetivada? Em busca da superação da dualidade em Psicologia* discute o posicionamento da Teoria Histórico-cultural frente às tendências da Psicologia, visando sua superação. Por intermédio das idéias de Luria, um dos pensadores fundamentais desta teoria, a dualidade da psicologia é entendida como a corrente que enfatiza o caráter puramente subjetivo da consciência, ou as explicações que sustentam que a subjetividade apenas pode ser apreendida por aspectos observáveis: o comportamento e as reações fisiológicas. O estudo sobre o comportamento do homem, o funcionamento do cérebro e do desenvolvimento infantil empreendidos por Luria, implicam que a subjetividade é originada no processo histórico e social do trabalho, e assim ela é sempre objetiva e, portanto, o estudo das funções psicológicas do homem deve se

pautar pelo estudo dialético da sociedade.

O capítulo que encerra a segunda parte, de autoria de Angela Caniato é *Os (des)Caminhos da Psicanálise: a busca de compreensão da subjetividade e de seu sofrimento na contemporaneidade*. A partir da compreensão da subjetividade a partir da perspectiva freudiana e da Teoria Crítica de T. Adorno e a concepção de indústria cultural, a autora defende revisão na psicanálise e na clínica, considerando os rumos que a sociedade tem tomado nos últimos tempos, com a exacerbação do consumo e de um verdadeiro bombardeio da indústria cultural que apóia esta ideologia, que é cada vez mais destrutiva ao indivíduo. A autora faz a crítica a uma concepção tradicional da psicanálise que, segundo ela, é a “visão de avestruz”, ou seja, que não olha para este momento da sociedade, significando uma prática conformista e não transformadora.

A terceira parte, “O sujeito e o outro: o inconsciente” traz dois textos onde tanto o sujeito quanto a historicidade são questionados segundo a psicanálise. Em *Mito, historicidade e Inconsciente*, de autoria de Viviana Velasco Martínez, o inconsciente e a questão da historicidade são discutidos pela concepção de mito na psicanálise freudiana. Utilizando as reflexões acerca da relação mito e sagrado, mito e verdade, a autora debate a realidade para o inconsciente, além de apresentar o papel do mito na obra de Freud.

Encerrando a terceira parte e esta obra, o texto *Duas faces do sujeito*, de Gustavo Ramos Mello Neto é um ensaio psicanalítico que apresenta a dualidade da concepção de sujeito como ser passivo e como ser ativo, e a partir da obra de Freud, mas com referenciais da filosofia moderna, como T. Hobbes e B.

Espinoza, é debatido tanto o tema do “sujeito sujeitado”, como o “sujeito agente ou transmutativo”. A agressividade e historicidade também são assuntos abordados, de acordo com a teoria psicanalítica.

Embora o livro tenha ênfase na psicologia e de algumas de suas tendências, é de interesse para todas as áreas das ciências humanas, principalmente aquelas que possuem ênfase na constituição do sujeito, a sociedade e a história. O diálogo proposto pelos autores abrange a filosofia, história, a complexidade, psicanálise, pós-modernidade, marxismo e os estudos em torno da obra de Vigotski e da Teoria Histórico-

cultural, o faz que seja um livro de largo alcance aos estudiosos destes temas.

Esta obra, por ser fruto de discussões e desafios enfrentados na estruturação de um Programa de Pós-Graduação, ao mesmo tempo em que expõe um atual estado de pesquisas e reflexões, abre múltiplas possibilidades de discussões e temas. Deixamos a sugestão aos organizadores que, caso revisitem a “constituição do sujeito e a historicidade”, poderiam abranger a temática com autores convidados de outras áreas das humanidades, como antropologia, educação, sociologia, história, política, artes e filosofia, o que iria enriquecer ainda mais o debate.



* **RAFAEL EGIDIO LEAL E SILVA** é Graduado em Ciências Sociais (UEM); Mestrando em Psicologia (UEM/PPI).